

Neologia por sufixação: um estudo construcional dos formantes -nte, -ção, -izar e -ar

Suffixation neology: a constructional study of the formants -nte, -ção, -izar, and -ar

Julia Damascena Magnavita*
Ana Maria Ribeiro de Jesus**
Amanda Heiderich Marchon***

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar, sob a perspectiva funcional-construcionista da linguagem, uma análise de neologismos formados por derivação sufixal com os elementos *-nte*, *-ção*, *-izar* e *-ar*. Os dados coletados para a composição do *corpus* provêm de textos jornalísticos coletados dos portais Veja, IstoÉ, Terra, Olhar Digital e que datam de 2020 a 2024, e de *posts* das redes sociais *Instagram* e *X/Twitter*. Com base no *corpus*, busca-se discutir, por meio de uma análise qualiquantitativa, os processos que permitem aos falantes produzirem e compreenderem construções lexicais inéditas como *ucranização*, *conversante*, *gourmetizar* e *coringar*. Sob a hipótese de que, a partir da experiência linguística, os falantes incorporam e reproduzem inconscientemente esquemas e redes construcionais para a formação de novas palavras, este trabalho respalda-se nos

Recebido em 30 de março de 2025.

Aceito em 8 de maio de 2025.

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2026n70.1475>

* Universidade Federal do Espírito Santo, juliamagnavita371@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0005-4745-3618>

** Universidade Federal do Espírito Santo, ana.m.jesus@ufes.br
<https://orcid.org/0000-0001-5479-5564>

*** Universidade Federal do Espírito Santo, amandahch.lettras@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6576-949X>

estudos acerca da neologia de Alves (1996) e Jesus (2021), bem como nos pressupostos teóricos sobre Gramática de Construções (Rosário, 2022), Processos Cognitivos de Domínio Geral (Bybee, 2016) e Morfologia Construcional (Gonçalves, 2016).

Palavras-chave: Construcionismo. Neologismos. Funcionalismo. Morfologia. Derivação sufixal.

ABSTRACT

The present study aims to analyze, from a functional-constructionist perspective of language, neologisms formed through suffixal derivation with the elements *-nte*, *-ção*, *-izar*, and *-ar*. The data collected for the corpus come from journalistic texts published on the portals Veja, IstoÉ, Terra, and Olhar Digital, dating from 2020 to 2024, as well as from posts on the social media platforms Instagram and X/Twitter. Based on the corpus, this study seeks to discuss, through a qualitative-quantitative analysis, the processes that enable speakers to produce and understand novel lexical constructions such as *ucranização*, *conversante*, *gourmetizar*, and *coringar*. Under the hypothesis that, through linguistic experience, speakers unconsciously incorporate and reproduce schemas and constructional networks for the formation of new words, this study is grounded in the research on neology by Alves (1996) and Jesus (2021), as well as in theoretical frameworks on Construction Grammar (Rosário, 2022), General Domain Cognitive Processes (Bybee, 2016), and Constructional Morphology (Gonçalves, 2016).

Keywords: Constructionism. Neologisms. Functionalism. Morphology. Suffixal derivation.

Introdução

A mudança linguística é inerente a todas as línguas vivas: a sociedade muda e, com ela, a língua também evolui. No que se refere ao léxico das línguas, uma das formas de observarmos essa mudança é através da sua expansão e evolução que se dá por meio do surgimento de novas palavras, também chamadas de neologismos. Esses emergem da necessidade dos falantes de criarem novas formas de se comunicar diante de novas realidades do mundo.

A partir do pressuposto constitucional da gramática de que a língua é permanentemente moldada pela experiência linguística, a morfologia

construcional propõe-se a investigar os processos de formação de palavras e como eles instanciam novas formações com base nos conhecimentos prévios de regras de formação e estrutura de palavras já comuns no uso dos falantes. Sob essa perspectiva, os neologismos são criados considerando a incorporação e reprodução inconsciente de esquemas construcionais por parte do falante, que os adquire com a interação social através da linguagem.

Nesse sentido, este artigo trata da análise de formações neológicas sintáticas formadas pelo processo de derivação sufixal com os sufixos *-nte*, *-ção*, *-ar* e *-izar* extraídos de posts de redes sociais e notícias de sites jornalísticos, sob a hipótese do modelo proposto pela morfologia construcional.

1. A neologia e as construções

A fim de compreendermos os casos de neologismos formados por derivação sufixal, este texto respalda-se, especialmente, nos estudos de Alves (1990) e Jesus (2021). A discussão sobre a perspectiva de cunho funcionalista, denominada Linguística Funcional Baseada no uso, ancora-se nos pressupostos de Bybee (2016) acerca dos Processos Cognitivos de Domínio Geral, bem como nos estudos de Gonçalves (2016) sobre a Morfologia Construcional.

1.1 A linguística funcional baseada no uso

Alves e Maroneze (2018, p. 22) evidenciam a relevância da perspectiva funcionalista da linguagem para os estudos neológicos ao afirmarem que “ao estudarmos os neologismos, estamos estudando unidades lexicais efetivamente atestadas e empregadas em situações reais de comunicação; assim, a Linguística Funcionalista é uma concepção perfeitamente compatível com os estudos de neologia.” São diversas as vertentes de cunho funcionalista. O que as une são alguns pressupostos básicos, como o foco na interação linguística

e a concepção de que discurso e gramática se relacionam simbioticamente¹. Nas palavras de Cunha (2023),

os funcionalistas concebem a linguagem como um instrumento de interação social, alinhando-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade. Seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando, na situação comunicativa que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo, a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso (Cunha, 2023, p. 157).

No âmbito da Linguística Funcional baseada no uso, temos uma perspectiva que, como o próprio nome deixa explícito, centraliza as análises linguísticas em usos reais da língua. Além disso, essa perspectiva dialoga com teorias da Linguística Cognitiva, em particular a Gramática de Construções (Rosário, 2022), explicando a mudança linguística com base nos processos cognitivos de domínio geral. Pinheiro (2020) sintetiza os três princípios mais relevantes para a perspectiva da Linguística Funcional-Cognitiva: (i) a crença de que saber uma língua é conhecer um inventário estruturado de construções gramaticais; (ii) a hipótese de que habilidades cognitivas não especificamente linguísticas são relevantes para explicar o conhecimento linguístico; e (iii) a ideia de que o conhecimento linguístico é permanentemente moldado pela experiência concreta de uso da língua.

Bybee (2016) afirma que a natureza da linguagem assemelha-se às dunas de areia. A autora faz uso dessa comparação para dizer que, tal qual as dunas de areia, a linguagem apresenta suas regularidades, mas também exhibe variação ao longo do tempo, a qual ocorre de forma padronizada e passível

1 Parte-se do princípio de que há uma simbiose entre discurso e gramática: o discurso e a gramática interagem e se influenciam mutuamente. A gramática é compreendida como uma estrutura em constante mutação/adaptação, em consequência das vicissitudes do discurso – gramática emergente (Hopper, 1991 *apud* Cunha *et al.* 2003)

de ser analisada. A partir da contribuição da Linguística Cognitiva para os estudos funcionalistas, tais como os pressupostos explicitados por Pinheiro (2020), Bybee (2016) propõe a análise desses aspectos de mudança linguística a partir dos processos cognitivos de domínio geral, assim denominados pelo fato de serem processos cognitivos aplicáveis a vários domínios e não somente à linguagem, ou seja, são processos que os indivíduos aplicam a diversas atividades humanas e também à atividade linguística.

Dentre os domínios selecionados por Bybee (2016) como sendo de maior relevância para o estudo das línguas, este trabalho faz uso dos processos de *analogia*, *categorização*, *memória enriquecida* e *chunking*. No quadro abaixo, apresentamos a definição desses processos, seguida de exemplos, tendo em vista o objetivo do trabalho:

Processos Cognitivos	Definição	Exemplo
Analogia	“Processo pelo qual enunciados novos são criados com base em enunciados de experiências prévias” (Bybee, 2016, p. 27).	Hipótese de que neologismos como <i>flertante</i> , <i>curtante</i> , <i>conversante</i> e <i>selinhante</i> são criados pela analogia com a palavra <i>ficante</i> .
Categorização	Reconhecimento de similaridade entre os elementos e associação a representações estocadas (Bybee, 2016).	Entendimento de que os termos <i>venezuelização</i> , <i>ucranização</i> , <i>finlandização</i> e <i>palestinização</i> apresentam semelhanças tanto estruturais (topônimo com a adição do sufixo - <i>ção</i>) quanto semântica (denominam o processo de assemelhar-se a um país) com os termos <i>americanização</i> e <i>africanização</i> .

Processos Cognitivos	Definição	Exemplo
Memória Enriquecida	“Estocagem mental de detalhes da experiência com a língua” (Bybee, 2016, p. 27)	O alto contato com formas verbais terminadas em <i>-ar</i> e <i>-izar</i> faz com que os falantes criem verbos neológicos com essas terminações (embora não seja o único fator, tendo em vista que o pertencimento à primeira conjugação contribui para o fato).
Chunking	Agrupamento de sequências de unidades para formação de unidades mais complexas (Bybee, 2016).	Diferentes radicais e/ou bases podem se unir a morfemas sufixais como <i>-ção</i> , <i>-nte</i> , <i>-ar</i> e <i>-izar</i> , formando, assim, unidades lexicais inéditas.

Quadro 3: Definição e exemplos dos processos cognitivos de domínio geral. Fonte: elaborado pelas autoras.

Por mais que, em determinado caso, a atuação de um dos processos cognitivos fique mais evidente, eles atuam de forma simultânea e interligada, sem que o usuário da língua tenha consciência disso. Ademais, são “fortalecidos” e atualizados conforme o exercício da linguagem.

A vertente construcionista do funcionalismo entende a gramática como um grande inventário de *construções* (Rosário, 2022), por isso é denominada Gramática de Construções. Hilpert (2014) diz que as construções, sobretudo, “são um pedaço do conhecimento linguístico dos falantes. Mais especificamente, podemos dizer que uma construção é uma generalização que os falantes fazem através de uma série de encontros com formas linguísticas” (Hilpert, 2014, p. 9, tradução nossa)². Em outras palavras, uma construção nada mais é do que o pareamento forma-função, em que a forma refere-se a

2 No original: “[...] constructions are first and foremost something cognitive, that is, a piece of speakers’ linguistic knowledge. More specifically, we can say that a construction is a generalization that speakers make across a number of encounters with linguistic forms”.

aspectos sintáticos, morfológicos e fonológicos, ao passo que a função refere-se a aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos, que os falantes fazem em decorrência de uma certa quantidade de contatos com as formas linguísticas.

Os esquemas construcionais são a representação desse pareamento forma-função e podem ter vários graus de abstração, ou seja, podem ser apresentados de maneira mais ou menos abstrata e são estocados na memória com a experiência linguística (Gonçalves, 2016, p. 19). Sendo assim, podemos classificar os esquemas conforme o quadro abaixo:

Esquema construcional (Macroconstruções)	Subesquema Construcional (Mesoconstruções)	Microconstruções	Constructo
Os pareamentos forma-sentido mais gerais de uma rede construcional que abarcam estruturas complexas com <i>slots</i> (possibilidades diversas de preenchimento).	Os conjuntos de construções individuais com similaridades observáveis.	As construções individuais mais preenchidas (pareamentos, ainda abstratos, com potencial de se instanciarem em texto/discurso).	As ocorrências das microconstruções empiricamente verificadas nos textos ou discursos, ou seja, os usos concretos.

Quadro 4: Classificação dos graus de abstração dos esquemas construcionais. Fonte: elaborado pelas autoras.

A associação desses elementos construcionais faz-se em *rede* e a sua sistematização envolve processos de analogização e categorização. Na figura abaixo, exemplificamos os conceitos apresentados, tendo em vista os objetivos deste trabalho:

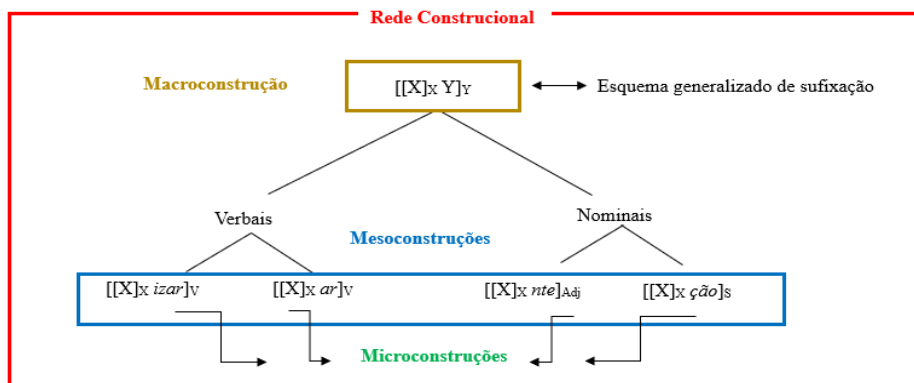


Figura 4: Rede construcional com base nos dados do corpus³.

Fonte: elaborado pelas autoras.

É importante ressaltar que as construções não se limitam a um único nível de análise linguística. Sendo assim, qualquer manifestação linguística pode ser considerada uma construção, desde palavras e expressões idiomáticas até sentenças mais complexas e textos.

À aplicação do ramo da Gramática de Construções ao nível morfológico, objetivo do presente trabalho, denominamos *Morfologia Construcional*. A Morfologia Construcional tem como um de seus princípios fundamentais a compreensão das palavras por meio de esquemas construcionais, ou seja, “padrões gerais de pareamento forma-conteúdo que captam características comuns entre várias instanciações específicas e podem ser usados produtivamente” (Gonçalves, 2016, p. 18).

Por meio da compreensão inconsciente de esquemas construcionais, os usuários da língua são capazes de produzir, identificar e categorizar novas formações, bem como inferir significado de constructos até então desconhecidos. Nas palavras de Gonçalves (2016),

3 Para fins organizacionais, as microconstruções serão apresentadas nas seções *Construções com -ção*, *Construções com -nte*, *Construções com -ar* e *Construções com -izar*.

falantes dominam esquemas morfológicos por reconhecerem conjuntos de palavras que instanciam esses padrões. Dessa forma, os usuários da língua são capazes de inferir um sistema abstrato ao se depararem com um número de palavras do mesmo tipo e estendê-lo ainda mais (Gonçalves, 2016, p. 28).

No caso do processo de formação de palavra por sufixação, podemos expressá-lo com o esquema genérico $[[X]_X Y]_Y$, em que X e Y são sequências fonológicas e $_X$ e $_Y$ representam classes gramaticais (Gonçalves, 2016, p. 18). Para exemplificar, pensemos em palavras formadas com o sufixo *-mente*, como *felizmente*, *comumente*, *rapidamente* e *claramente*. Essas palavras, pertencentes à classe dos advérbios, são formadas a partir de um mesmo esquema, um radical adjetivo adicionado ao sufixo *-mente*, que pode ser representado por $[[X]_{adj} -mente]_{adv}$. O esquema $[X]_{adj} -mente]_{adv}$ representa uma construção, e as palavras realizadas a partir dele são os seus constructos. Além dessas palavras, formadas a partir do esquema representado, podemos pensar em várias outras palavras que se relacionam com esse esquema, o que indica sua alta produtividade dentro do sistema linguístico.

1.2 Neologia e neologismos

Nas palavras de Alves (1990, p. 5), “o acervo lexical de todas as línguas vivas se renova. Enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades léxicas é criada pelos falantes de uma comunidade linguística”. O surgimento de novas palavras é um fenômeno inerente à língua que reflete a natural característica de evolução da sociedade.

Às novas palavras que surgem na língua damos o nome de *neologismos*, e ao processo de criação lexical desses itens denominamos *neologia* (Alves, 1990, p. 5). A partir dos estudos de Basílio (1987), Gonçalves (2019, p. 124) sistematiza três principais fatores motivadores da criação lexical: (i) a necessidade de nomeação; (ii) adequação ao contexto sintático;

(iii) as intenções do usuário da língua. Apesar de a criação lexical não estar atrelada a somente um único fator motivador, Jesus (2026), evidencia que “os neologismos são criados para refletir aquilo que a comunidade linguística enxerga como os novos recortes de mundo e, nesse sentido, são estabelecidos enquanto resultados do processo de mudanças na estrutura social e na cultura”. Com o exponencial crescimento da comunicação digital, termos presentes nos mais variados contextos de uso da língua ou até pertencentes a alguma língua de especialidade são difundidos em um curto período de tempo.

O conceito de algo “novo”, entretanto, é subjetivo, porque pressupõe-se que exista algo “velho” em comparação. Tradicionalmente, “a determinação da neologicidade de uma unidade lexical está [...] vinculada ao registro em dicionários” (Alves; Maroneze, 2018, p. 9). De acordo com essa perspectiva, portanto, “novo” seria aquele termo que não se encontra dicionarizado. Sob esse prisma, para que o dado sob análise seja considerado um neologismo, diversas pesquisas neológicas adotam a metodologia do *corpus* de exclusão, que consiste na consulta de obras lexicográficas e de outros *corpora* anteriores a um período estabelecido.

Entretanto, apenas o uso de um *corpus* de exclusão é insuficiente para a determinação do caráter neológico dos elementos em análise. Nesse sentido, Rey (1976 *apud* Jesus, 2021) estabelece três critérios fundamentais que se tornaram essenciais para a identificação de itens neológicos, que envolvem questões como o tempo, o sentimento neológico e as obras lexicográficas:

Critério temporal: o surgimento da unidade lexical ocorre em período recente.

Critério psicolinguístico: a intuição dos falantes leva-os a perceber a unidade lexical como nova.

Critério lexicográfico: a unidade lexical não está registrada nos dicionários de língua geral (Rey, 1976 *apud* Jesus, 2021, p. 248).

Cabré (1993 *apud* Jesus, 2021) retoma e complementa os estudos do autor, propondo a inserção da instabilidade quanto à forma ou ao significado

dos neologismos, determinando, assim, quatro parâmetros para o trabalho neológico:

Diacronia: uma unidade é neológica se surgiu em um período recente;

Lexicografia: uma unidade é neológica se não está incluída nos dicionários;

Instabilidade sistemática: uma unidade é neológica se apresenta signos de instabilidade formal (morfológicos, gráficos, fonéticos) ou semântica;

A psicologia: uma unidade é neológica se os falantes a consideram como uma unidade nova (Cabré, 1993 *apud* Jesus, 2021, p. 249).

Apesar de os critérios definidos por Rey (1976 *apud* Jesus, 2021) e Cabré (1993 *apud* Jesus, 2021) ainda hoje serem referência para a investigação neológica, discussões mais recentes põem em pauta questionamentos e modificações quanto a esses critérios, uma vez que apresentarem imprecisões em grande parte dos casos.

Jesus (2021) chama a atenção para a redundância quanto ao parâmetro temporal estabelecido por Rey (1976 *apud* Jesus, 2021) e Cabré (1993 *apud* Jesus, 2021). Nas palavras da autora, “se o ‘neologismo’, por definição, pressupõe uma unidade lexical nova, então a ‘novidade’ é uma característica inerente a ele” (Jesus, 2021). Além disso, a pesquisadora afirma que não há como termos conhecimento do período exato em que um termo surge; o que se pode fazer é estipular um período de surgimento com base no trabalho com *corpora* textuais.

Outro questionamento diz respeito ao critério psicolinguístico, ou psicológico, que torna individual a identificação e caracterização do fenômeno da neologia, o que, segundo Sablayrolles (2010 *apud* Jesus, 2021), configura-se como um problema, visto que “a percepção de novidade varia de acordo com os indivíduos e os objetos analisados. O mesmo objeto, ainda percebido como novo ou recente por um, já é considerado velho e obsoleto por outro” (Sablayrolles, 2010, p.12 *apud* Jesus, 2021, p. 251).

Quanto ao critério lexicográfico, Alves e Maroneze (2018, p. 11) salientam que, dentre as razões para a limitação desse parâmetro, observa-

se a “incompletude dessas obras, com omissões voluntárias ou acidentais em suas nomenclaturas; atraso na introdução de palavras; divergência da nomenclatura dentre os dicionários”. Por outro lado, dicionários on-line são atualizados com novos termos com uma frequência bem maior, devido à praticidade proporcionada pelo mundo digital. Desse modo, a validação neológica dependerá da quantidade e da característica das obras lexicográficas selecionadas para compor o *corpus* de exclusão (Jesus, 2021).

Evidenciamos, portanto, a importância de que as fronteiras dos critérios para a identificação de neologismos sejam mais maleáveis, tendo em vista a complexidade da pesquisa neológica. Tendências atuais propõem que outras fontes textuais além dos dicionários sejam utilizadas (como livros, publicações em sites, textos jornalísticos, artigos, etc.) para a delimitação do *corpus* de exclusão, bem como o uso de ferramentas tecnológicas (como sites que possuem filtros de busca e a ferramenta *Google Trends*) para a análise do status neológico de um item lexical (Jesus, 2021).

No que tange à formação, o fenômeno da neologia inclui, especialmente: (i) os termos formados por mecanismos internos à língua, compostos pela adição de um formante a uma base, como *cadelizar*, *desmanipulação* e *pós-verdade*, pela composição, como *cão-robô* e *atividade extraveicular*, ou pela junção de partes de unidades lexicais, como *infoentreterimento* e *digissexual*, dentre outros processos; (ii) as formas já estabelecidas no léxico e que passam por mudança de significado, como *cancelamento* e *mineração*; (iii) os termos provenientes de outros idiomas, que podem ser mantidos na forma estrangeira, como *ghosting* e *foodtech*, ou podem unir-se a elementos vernáculos, como *flopap*, *cultura maker* e *terraplaner*, dentre outros processos.

2. Metodologia

Os neologismos a serem analisados no presente trabalho datam de 2020 a 2024 e são provenientes de um *corpus* de textos do gênero jornalístico e de *posts* das redes sociais *X (Twitter)* e *Instagram*. A coleta dos *posts* das

redes sociais foi feita de maneira assistemática. Os textos jornalísticos, por sua vez, foram coletados de forma automatizada, via *web scraper*, por alunos do curso de Ciência da Computação para o projeto “Neologia: aspectos lexicais, culturais e extração automática”, em desenvolvimento na Universidade Federal do Espírito Santo. Trata-se de um *corpus* de aproximadamente 40 milhões de palavras, cujas fontes são os portais Veja, IstoÉ, Terra e Olhar Digital. Foi coletado, nos mesmos portais, um *corpus* de exclusão com notícias que datam de 2007 a 2019, o que somou aproximadamente 53 milhões de palavras. O *corpus* de exclusão contém itens lexicais já estabelecidos na língua, o que permite a identificação de formas inéditas quando em contraste com o *corpus* de estudo.

O contraste entre os dois *corpora* foi feito automaticamente por um Extrator de Neologismos, também desenvolvido para o projeto supracitado. A ferramenta gerou uma lista de cerca de 115 mil candidatos a neologismo, dentre os quais aparecem também unidades que não têm utilidade para a pesquisa, como *hashtags*, nomes próprios, erros de ortografia, formas flexionadas, ênclises e itens não neológicos que não estavam presentes no *corpus* de exclusão. Por isso, a validação final das unidades lexicais neológicas foi feita manualmente, quando se procedeu à conferência da lista gerada pelo Extrator. Partiu-se dos critérios de validação propostos por Rey (1976) e Cabré (1993), que estabelecem como neologismo (i) o elemento que surgiu em período recente, (ii) está ausente de um *corpus* de exclusão, (iii) é formalmente ou semanticamente instável e (iv) desperta a intuição neológica do falante. Na validação manual, foram usados como *corpus* de exclusão os dicionários on-line Aulete⁴ e Michaelis⁵, bem como o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP)⁶, da Academia Brasileira de Letras. Além disso,

4 Disponível em: <<https://aulete.com.br/>>.

5 Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>

6 Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>

considerando-se os objetivos do presente trabalho, as unidades deveriam constituir derivações sufixais com os elementos *-ção*, *-nte*, *-ar* e *-izar*.

Cumprindo-se, então, as fases metodológicas tradicionais da pesquisa em neologia – coleta do *corpus* de estudo, contraste com um *corpus* de exclusão, extração dos candidatos a neologismo e validação das unidades –, parte-se para a descrição e análise dos neologismos selecionados, apresentada no tópico a seguir, a partir das abordagens teóricas estabelecidas.

3. Análise e discussão dos dados

O quadro abaixo apresenta um panorama geral dos neologismos coletados para este trabalho, 99 ao todo, separados conforme o elemento sufixal que os compõem. Algumas unidades foram encontradas no *corpus* com duas grafias diferentes, o que é comum considerando o critério de instabilidade formal dos neologismos. Nesse caso, as duas unidades são apresentadas em conjunto no quadro

-ção	-nte	-ar	-izar
marvelização tiktokização uberização pinterestização randomização vetorização atlantificação prototipação milicialização finlandização espaguetificação esguetização cognificação bolsonarização ucranização softwarização preminização venezuelização plataformização pjotização pejotização perfilização pazuellização fintechização fintechzação paletização algoritmização adultização adultificação gamificação infancionalização terraplanização monarcalização <i>tokenização</i> <i>gourmetização</i> <i>facebookização</i> <i>putinização</i> <i>youtubização</i> <i>instagramização</i> <i>minionização</i>	<i>curtante</i> <i>olhante</i> <i>conversante</i> <i>respirante</i> ⁷ <i>amigante</i> <i>flertante</i> <i>selinhante</i> <i>queirante</i> <i>namorante</i> <i>casante</i> <i>sonhante</i> <i>visualizante</i> <i>divorciante</i> noivante enrolante brigante beijante pensante odiante	streamar sextar flop embedar bugar rankear quarentenar hypar hitar coringar fanficar biscoitar feriadar churrascar chapelar hiperlinkar threadar tankar endorfinar dopaminar getulhar talaricar	palestinizar venezuelizar ucranizar finlandizar otanzar tokenizar sensacionalizar gourmetizar pandemizar tangibilizar infancionalizar bolsonarizar <i>portabilizar</i> <i>madonnizar</i> <i>cadelizar</i> <i>ancestralizar</i> <i>popstarizar</i> <i>serotonizar</i> <i>putinizar</i> <i>terapeutizar</i> <i>rebequizar</i> <i>tatianizar</i>
Subtotal: 36	Subtotal: 19	Subtotal: 22	Subtotal: 22
Total: 99			

Quadro 5: Neologismos coletados. Fonte: elaborado pelas autoras.

7 Os neologismos *respirante* e *pensante*, diferente dos demais, são neologismos semânticos. Esses termos passaram pelo processo de derivação sufixal, mas já se encontram lexicalizados.

Como salientado anteriormente, todos eles são formados por derivação sufixal e, portanto, derivam da macroconstrução $[[X]_X Y]_Y$ (figura 4). Para fins organizacionais elaboramos redes construcionais isoladas para cada uma das mesoconstruções: $[[X] \text{ção}]_s$, $[[X] \text{nte}]_{Adj}$, $[[X] \text{izar}]_v$ e $[[X] \text{ar}]_v$, como será apresentado nas subseções a seguir.

3.1 Construções com -ção

O sufixo -ção é um dos mais produtivos formadores de substantivos no português (Cardoso; Maroneze; Pissolato, 2015). Na figura abaixo, apresentamos a rede de construções do esquema $[[X] \text{ção}]_s$ elaborada a partir dos dados coletados:

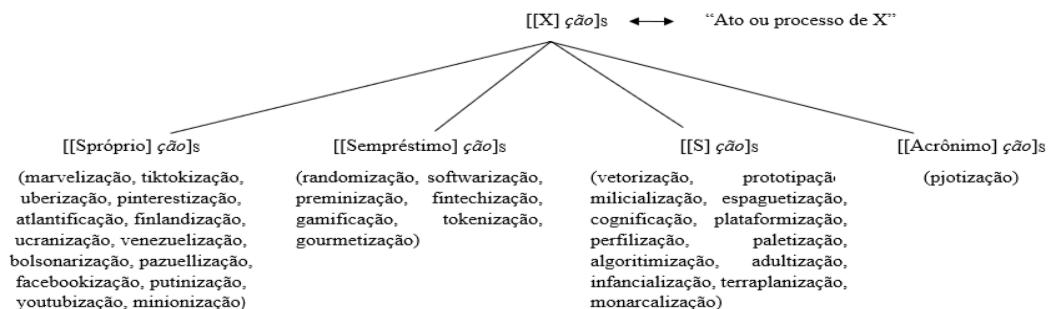


Figura 5: Rede de construções $[[X] \text{ção}]_s$.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Com base no *corpus*, observamos que o esquema construcional $[[X] \text{ção}]_s$ é utilizado, principalmente, para a designação de novos processos identificados pelos falantes no mundo, sejam eles relacionados a fenômenos da natureza, ao mundo digital ou à ciência, como demonstramos, respectivamente, por meio dos dados a seguir:

- (1) Por que a '*atlantificação*' do oceano Ártico preocupa tanto os cientistas?⁸
- (2) “Ando bastante preocupado com a *algoritmização* do pensamento, que é a alteração do nosso entendimento e relacionamento com o mundo em função da interação com a IA”, diz Machado Dias, da Unifesp⁹.
- (3) O que é '*espaguetização*', fenômeno pelo qual cientistas observaram buraco negro devorar estrela¹⁰.

Em (1) a construção *atlantificação* significa “transformar-se em atlântico”. Em outras palavras, esse termo refere-se ao aumento da temperatura das águas do Oceano Ártico, o que faz com que ele assimile características do Oceano Atlântico. No exemplo (2), entendemos que *algoritmização* significa “ato de se atribuir algoritmos”, neologismo esse que emerge do crescente mapeamento do comportamento dos usuários em ambiente digital. Em (3), cientistas nomeiam *espaguetização* o fenômeno em que há o alongamento de um corpo celeste, o que a deixa semelhante a um espagete. Essa construção significa, então, o “ato de tornar-se semelhante a um espagete”.

Observamos no *corpus* também uma interessante incidência de construções formadas com nomes de aplicativos (*youtubização, facebookização, tiktokização, pinterestização, instagramização, uberização*). Essas construções refletem o modo como os aplicativos atuam sobre os indivíduos na sociedade atual, influenciando diversas esferas da vida dentro e fora da internet:

- (4) Como nem tudo são flores, sim, precisamos pensar nas problemáticas por trás de toda essa *tiktokzação* da indústria artística¹¹.

8 Disponível em:<<https://www.bbc.com/portuguese/geral-55318835>>. Acesso em: 12 jul. 2024.

9 Disponível em:<<https://www.bbc.com/portuguese/geral-64297796>>. Acesso em: 12 jul. 2024

10 Disponível em:< <https://www.bbc.com/portuguese/geral-54537879>>. Acesso em: 12 jul. 2024.

11 Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/comportamento/qual-e-o-impacto-da-tiktokzacao-do-funk-no-som-e-na-danca/>>. Acesso em: 12 jul. 2024.

Em (4), por exemplo, o termo *tiktokzação* é usado para indicar o modo como o aplicativo *Tiktok* tem moldado o meio artístico, por ser uma plataforma que apresenta, principalmente, vídeos curtos com conteúdos muitas vezes chamativos e apelativos e coreografias virais de músicas do momento. O conceito de *tiktokzação* envolve, portanto, o processo de criação de condições ou enquadramento que são semelhantes aos observados no aplicativo *Tiktok*.

Outro relevante uso do esquema $[[X] \text{ção}]_s$ evidenciado pelo *corpus* foram construções em contextos políticos a partir de substantivos próprios como nomes de figuras políticas e de países, como em (5):

(5) Bolsonarismo entre a ‘*ucranização*’ e a ‘*putinização*’.¹²

Apesar de o sufixo -ção ter como principal característica a formação de substantivos a partir de verbos, as construções coletadas do *corpus* mostram que todas são formadas tendo como base outros substantivos. O contexto (5), por exemplo, apresenta as construções *ucranização* e *putinização* em referência aos substantivos próprios *Ucrânia* e *Putin*, respectivamente. Essas construções surgem em decorrência do atual conflito entre a Rússia e a Ucrânia, iniciado em 2022, e seus significados resgatam as características e a presente situação da Ucrânia, no caso de *ucranização*, e a postura e forma de governo do atual presidente da Rússia Vladimir Putin, no caso de *putinização*.

Ademais, podemos perceber que os substantivos que são usados como radicais nas construções $[[X] \text{ção}]_s$, em alguns casos, também se relacionam com verbos neológicos.

(6) Finlândia > *finlandizar* > *finlandização*
Ucrânia > *ucranizar* > *ucranização*
Venezuela > *venezualizar* > *venezualização*
Putin > *putinizar* > *putinização*
Bolsonaro > *bolsonarizar* > *bolsonarização*

12 Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/octavio-guedes/post/2022/02/28/bolsonarismo-entre-a-ucranizacao-e-a-putinizacao.ghml>>. Acesso em: 12 jul. 2024.

À guisa de exemplificação, o neologismo *finlandização*, derivado de *Finlândia*, também se relaciona com *finlandizar*. Isso reflete as mudanças regulares da língua e a questão da analogia (Bybee, 2016). As construções em (6) seguem as regularidades de palavras já cristalizadas na língua, como:

(7) América > americanizar > americanização

Indústria > industrializar > industrialização

Estigma > estigmatizar > estigmatização

Sendo assim, mesmo que não possamos provar que os verbos neológicos tenham surgido antes dos substantivos, é possível inferimos que essas construções ainda se relacionam com as características formais do sufixo -ção, evidenciando, portanto, a capacidade que os falantes têm de identificar, categorizar e reproduzir produtivamente esquemas construcionais por meio de padrões observados com a experiência linguística.

3.2 Construções com -nte

O caso de neologismos por sufixação com o uso de -nte é particularmente interessante. O esquema construcional [[X] nte] mostra-se muito produtivo na formação de novos itens lexicais que caracterizam relações amorosas e interpessoais. A hipótese é que esses itens surgiram pela analogia com o termo *ficante* – supomos que esse seria o primeiro termo derivacional de -nte que se popularizou entre os falantes dentro e fora das redes sociais, considerando que seu registro data de algumas décadas. O dicionário online *Michaelis* (2024) define o termo *ficante* como “[...] pessoa que fica com alguém por pouco tempo para fins amorosos, sem que haja comprometimento”. Construções formadas a partir do acréscimo do sufixo -nte, em sua maioria, resgatam o significado desse termo ao denominarem relacionamentos mais voláteis, passageiros e/ou sem compromisso. Vejamos os exemplos a seguir:

(8) *Olhante*, ficante, *conversante*: veja lista e saiba qual o status do seu relacionamento antes do Dia dos Namorados¹³.

(9) como eu odeio não ter *olhante*, *piscante*, *conversante*, ficante, *namorante*, amante, NADA e nem é sobre se amar, eu me amo demais!¹⁴.

(10) meu *olhante* virou *conversante* eu espero que um dia ele vire meu *casante*¹⁵.

Nos exemplos (8), (9) e (10), as construções *olhante*, *conversante* e *piscante* têm a função de designar algo como estágios ou etapas de uma relação amorosa, que podem ser evidenciados através dos verbos que compõem os radicais dessas palavras derivadas: *olhar*, *conversar* e *piscar*, respectivamente. Entretanto, observa-se também, em (9) e (10), a frequência de itens que remetem a tipos de relacionamentos mais convencionais, como *namorante* e *casante*, em referência a namorado e cônjuge.

Através da análise dos contextos de uso coletados, é possível notar o uso de mais de uma construção pertencente ao esquema $[[X] \text{nte}]_{\text{adj}}$ em um mesmo contexto, tanto neológicas quanto já conhecidas dentro do sistema linguístico. Em (9), temos não somente construções neológicas (*olhante*, *piscante*, *conversante* e *namorante*), mas também construções já dicionarizadas na língua (*ficante* e *amante*), o que mostra a regularidade e a produção em cadeia dos derivados.

As construções presentes no *corpus* formadas a partir de $[[X] \text{nte}]_{\text{adj}}$ compartilham o valor semântico de “aquele que se X”, em que X refere-se à semântica do termo do qual o constructo é derivado. Na figura 6, apresentamos

13 Disponível em: <<https://g1.globo.com/saude/noticia/2024/06/10/olhante-ficante-conversante-veja-lista-e-saiba-qual-o-status-do-s-eu-relacionamento-antes-do-dia-dos-namorados.ghml>>. Acesso em: 12 jul. 2024.

14 Disponível em: <<https://twitter.com/gusttazim/status/1777136532190560331>>. Acesso em: 12 jul. 2024.

15 Disponível em:< <https://twitter.com/ttdamuller/status/1735124505301753987>>. Acesso em: 12 de jul. 2024.

a rede de construções formada pelo esquema $[[X] nte]_{adj}$ com base nos dados do *corpus*:

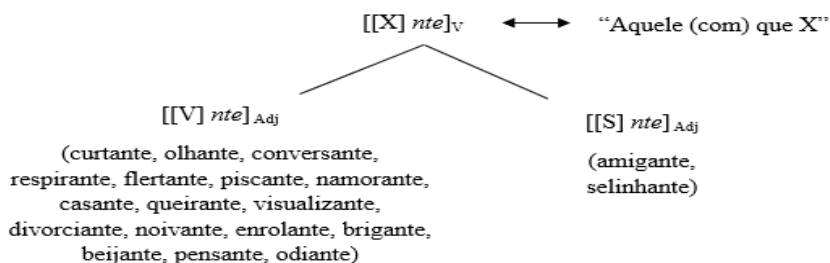


Figura 6: Rede de construções $[[X] nte]_{adj}$. Fonte: elaborado pelas autoras.

Esses novos itens lexicais, pertencentes à categoria dos adjetivos¹⁶, têm, em geral, base verbal, com exceção de *amigante* e *selinhante*, cujas bases são nominais, advindas de *amigo* e *selinho*, respectivamente. Tais construções surgem da necessidade de se nomear novos tipos e/ou etapas dos relacionamentos amorosos que, com o passar do tempo, tornaram-se mais complexos e diversos.

3.3 Construções com -ar

O acréscimo do sufixo -ar a uma base é a forma mais comum de formar verbos no português (Cardoso; Maroneze; Pissolato, 2015). Isso porque os verbos pertencentes à primeira conjugação são todos regulares. Além disso, os verbos terminados em -ar são mais frequentes, tornando a formação de verbos com esse sufixo mais acessível na memória do falante, seguindo o princípio de Memória Enriquecida (Bybee, 2016). Assim, o falante

16 Em alguns exemplos coletados, as construções derivadas de $[[X] nte]$ também podem ser classificadas como substantivos. Fato aceitável considerando a perspectiva adotada por Mattoso Camara Jr (1970) sobre a classe dos nomes.

tende a usar e reproduzir aquilo que é mais usual e, portanto, mais fácil de ser acessado na memória e mais regular em seu exercício linguístico.

Considerando os dados coletados, como podemos observar na figura 7, as construções pertencentes ao esquema $[[X] ar]_v$ derivam em sua totalidade de substantivos:

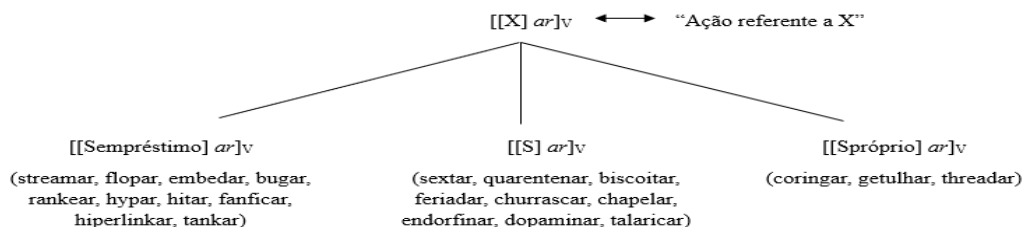


Figura 7: rede de construções $[[X] ar]_v$. Fonte: elaborado pelas autoras.

As construções neológicas com *-ar* estão presentes em contextos variados, designando novas ações identificadas pelos falantes. Vejamos os exemplos a seguir:

(11) Para *streamar* sem medo de direitos autorais: Riot Games lança discos com 37 faixas gratuitas para gamers¹⁷.

(12) Manifestação convocada por Bolsonaro corre o risco de '*flopar*'¹⁸.

(13) Lemos as notícias sobre a Europa e a Ásia e alertamos uns aos outros sobre a necessidade de *quarentenar*, na esperança de ganharmos algumas semanas antes de a destruição chegar¹⁹.

17 Disponível em: <<https://rollingstone.com.br/entretenimento/para-streamar-sem-medo-de-direitos-autorais-riot-games-lanca-discos-com-37-faixas-gratuitas-para-gamers/>>. Acesso em: 04 set. 2024.

18 Disponível em: <https://e.correiodobrasil.com.br/a/manifestacao-convocada-bolsonaro-corre-risco-flopar#google_vignette>. Acesso em: 04 set. 2024.

19 Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/epoca/colunistas/coluna-livros-da-quarentena-gregarios-deriva-24592058>>. Acesso em: 04 set. 2024.

No exemplo (11), o constructo *streamar* deriva do substantivo em inglês *stream* que designa uma recente tecnologia usada para transmitir arquivos multimídia via internet. Nesse sentido, portanto, *streamar* seria a “ação de se fazer *stream*”. Tal qual no exemplo (11), o constructo *flopar*, presente em (12), deriva de uma palavra do inglês: o substantivo *flop*, que significa “fracasso”. Assim, a construção *flopar* teria o sentido de “ação de fracassar”. Esse termo emerge de um contexto de cultura pop usado para se referir a filmes, séries, álbuns de músicas, artistas, entre outros elementos desse meio que, por alguma razão, não atingiram o sucesso. Entretanto, a palavra *flopar* passou a ser usada para além desse tipo de contexto, como é possível observar em (12), que apresenta uma notícia do contexto político. Em (13), temos a aparição do termo *quarentenar*, que designa a “ação de se fazer uma quarentena”. Esse constructo surge em decorrência da pandemia da covid-19, a partir dos debates sobre as medidas a serem tomadas para o controle da doença.

O *corpus* evidencia, além disso, a presença de construções derivadas de substantivos próprios, como em:

(14) Essa semana eu também vou *coringar* mas vai ser sozinha mesmo²⁰.

O neologismo *coringar*, presente em (14), faz referência à personagem da DC Comics *Coringa*. Esse termo passou a ser recorrente após o lançamento do filme *Joker*, em 2019, que conta a história da personagem *Coringa*, caracterizada por possuir traços psicóticos e considerada por muitos um maluco. É justamente essa característica que foi resgatada pelos falantes ao utilizarem a construção *coringar*, que denota “ação de endoidar, enlouquecer, perder a razão”.

20 Disponível em: <<https://x.com/DuolingoBrasil/status/1777869591173030121>>. Acesso em: 04 set. 2024.

As construções acima mencionadas, bem como as outras pertencentes ao esquema $[[X] ar]_s$, mostram a produtividade desse esquema tal como a diversidade de usos que a derivação do sufixo *-ar* propicia à língua.

3.4 Construções com -izar

Assim como *-ar*, o sufixo *-izar* também é um dos mais frequentes formadores de verbos do português e é caracterizado, principalmente, pela formação de verbos a partir de adjetivos (Cardoso; Maroneze; Pissolato, 2015). Entretanto, com base no *corpus*, observamos que *-izar* tem sido usado para a criação verbos advindos de diferentes bases:

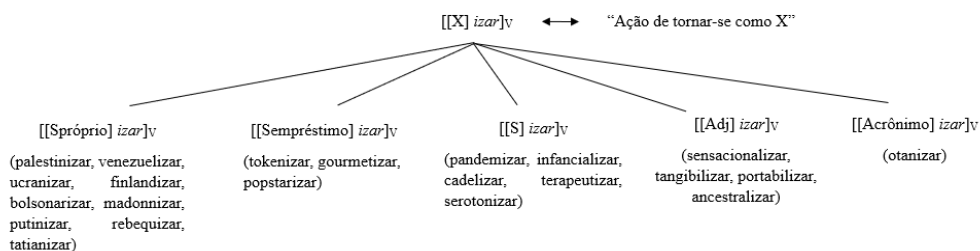


Figura 8: Rede de construções $[[X] izar]_v$. Fonte: elaborado pelas autoras.

A partir do esquema construcional $[[X] izar]_v$ formam-se construções presentes em variados contextos. Algumas construções são derivadas de substantivos próprios, em particular, nomes de países e de pessoas, e são usadas em contextos políticos. Vejamos os exemplos a seguir:

(15) Mas afinal, o que quer a extrema direita brasileira: *ucranizar* ou *putinizar*?²¹

21 Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/octavio-guedes/post/2022/02/28/bolsonarismo-entre-a-ucranizacao-e-a-putinizacao.ghtml>>. Acesso em: 03 set. 2024.

(16) As ações tomadas [na Ucrânia] por [Vladimir] Putin foram uma tentativa de ‘*finlandizar*’ toda a Europa, de tornar tudo neutro²².

(17) Jefferson provoca racha interno ao ‘*bolsonarizar*’ PTB²³.

Os exemplos (15), (16) e (17) denotam “ação de tornar-se semelhante à base de origem”. Assim, atribuem-se as características políticas dos substantivos próprios *Ucrânia*, *Putin*, *Finlândia* e *Bolsonaro* às construções derivadas *ucranizar*, *putinizar*, *finlandizar* e *bolsonarizar*, respectivamente, tal qual ocorre nos constructos mencionados anteriormente pertencentes ao esquema construcional [[X] ção]_s. Nota-se, ainda, que o surgimento dessas construções não é aleatório: elas referem-se a países e figuras políticas que estiveram em voga em um período recente, tendo em vista as situações e conflitos políticos dentro e fora do Brasil.

Um caso particular identificado no *corpus* foi uma construção cujo radical vem de um acrônimo. O exemplo (18) apresenta o termo *otanizou* formado a partir do acrônimo *OTAN* (Organização do Tratado do Atlântico Norte). Tal qual os exemplos (15), (16) e (17), *otanizou* é usado em contexto político e significa “ação de tornar-se semelhante à OTAN”, resgatando para o significado da construção as particularidades políticas dessa organização:

(18) Em vez disso, ele ‘*otanizou*’ toda a Europa²⁴.

Ademais, a partir do *corpus* vemos que as construções pertencentes ao esquema [[X] izar]_v com base substantival própria também são usadas em situações de demonstração de admiração por figuras públicas. As construções

22 Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/jose-casado/biden-conta-embate-com-lider-da-china-sobre-democracia-x-autocracia>>. Acesso em: 03 set. 2024.

23 Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/12/13/jefferson-provoca-racha-interno-ao-bolsonarizar-ptb.htm?cmpid>>. Acesso em: 03 set. 2024.

24 Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/jose-casado/biden-conta-embate-com-lider-da-china-sobre-democracia-x-autocracia>>. Acesso em: 04 set. 2024.

verbaís encontram-se na forma de participio e referem-se à “ação de ser fã e/ou estar obcecado por alguém”. Nos exemplos (19), (20) e (21), observamos os termos *madonnizado*, *rebequizado* e *tatianizado*. Em (19), o constructo faz referência à cantora Madonna, tendo emergido em decorrência do show de encerramento de sua última turnê na praia de Copacabana no Rio de Janeiro em 2024. Em (20) e (21), os constructos referem-se a duas medalhistas olímpicas brasileiras: a ginasta Rebeca Andrade e a surfista Tatiana Weston-Webb, respectivamente. Os constructos foram frequentes durante as olimpíadas de Paris 2024 e usados em contextos que enaltecem a atuação das atletas. Tendo em vista que essas construções surgem num período de tempo curto entre elas, supõe-se que estamos diante de um caso de analogia (Bybee, 2016):

(19) vôo de campinas > rio de janeiro TODO MUNDO FALANDO DE MADONNA CHEGA NO GALEÃO É MADONNA O MOTORISTA DO UBER SO FALA DE MADONNA TA TODO MUNDO MADONNIZADO NESSA CIDADE²⁵.

(20) Me diz aí: você também está *Rebequizado* como eu? 🇧🇷²⁶.

(21) SER *TATIANIZADO* É BOM DEMAAAAAAAAAAAAAIS, TÁ MALUCOOOOOOOOO. 🇧🇷²⁷.

A presença de construções do esquema $[[X] \text{ izar}]_V$ com usos na forma de participio também ocorre em construções derivadas de substantivos comuns. À guisa de exemplificação, o termo *terapeutizadas*, em (22), deriva do substantivo *terapia* e designa “pessoa que faz ou fez terapia”:

(22) 5 sinais de pessoas seguras e *terapeutizadas*²⁸.

25 Disponível em: <<https://twitter.com/madonnaptista/status/1786269748033892562>>. Acesso em: 03 de set. 2024.

26 Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/C-WQrdVOAzg/>>. Acesso em: 03 set. 2024.

27 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C_BxfgOsCL/>. Acesso em: 03 set. 2024.

28 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C4QSLK1rmEq/?img_index=1>. Acesso em: 04 set. 2024.

Por fim, do esquema $[[X] \text{ izar}]_v$ derivam também construções formadas a partir de substantivos por empréstimo e adjetivos, conforme os exemplos a seguir:

(23) Rock in Rio vai ‘*gourmetizar*’ sede do Lollapalooza em São Paulo²⁹.

(24) Rafael terá como principal desafio *tangibilizar* a jornada ecossistêmica da UAU através do desenvolvimento tecnológico 100% focado no cliente³⁰.

Em (23), o constructo *gourmetizar* denota “ação de tornar gourmet” tendo como base a palavra de origem francesa *gourmet* que, conforme o dicionário on-line *Michaelis* (2024), significa “pessoa que é grande conhecedora e apreciadora de boa comida e bons vinhos”. Entretanto, no português brasileiro *gourmet* é também usado para designar algo de qualidade superior, com maior valor agregado, requintado, sendo essa a definição que é resgatada no termo *gourmetização*. No exemplo (24), por sua vez, o verbo *tangibilizar* deriva do adjetivo tangível e denota “ação de tornar alcançável”.

Considerações finais

Neste trabalho, buscou-se apresentar não somente neologismos criados a partir da derivação sufixal com os sufixos -ção, -nte, -ar e -izar, como também explicar a partir de quais associações eles são formados, ou seja, quais mecanismos linguísticos disponíveis estão sendo atuantes no processo de mudança linguística evidenciado no léxico do português. Além disso, destacou-se como a Gramática de Construções Baseada no Uso (Rosário, 2022) e os Processos Cognitivos de Domínio Geral (Bybee, 2016) aplicam-se ao nível morfológico, em especial aos neologismos, através do modelo da

29 Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/o-som-e-a-furia/rock-in-rio-vai-gourmetizar-sede-do-lollapalooza-em-sao-paulo>>. Acesso em: 04 set. 2024.

30 Disponível em: <<https://www.terra.com.br/economia/meu-negocio/uaubox-contrata-ex-justforyo>>. Acesso em: 04 set. 2024.

Morfologia Construcional (Gonçalves, 2016). A partir da análise dos dados do corpus, sustenta-se a hipótese de que os esquemas e redes construcionais são usados produtivamente para instanciar novas construções.

As construções analisadas revelam, portanto, por meio de padrões advindos da experiência linguística, que os falantes identificam, categorizam e reproduzem esquemas construcionais de modo produtivo. Nesse sentido, as construções neológicas nomeiam novas instâncias, experiências e recortes de mundo que servem sempre à realidade da comunidade linguística em que atua o falante. Os esquemas representativos do processo de derivação sufixal apresentados neste estudo, notadamente $[[X]_X Y]_Y$, evidenciam a possibilidade de se representar, de forma eficaz e frutífera, as várias possibilidades de criação de novas unidades lexicais advindas desse processo de formação.

Referências

- ALVES, I. M. **Neologismo**: criação lexical. 2.ed. São Paulo: Ática, 1990.
- ALVES, I. M.; MARONEZE, B. Neologia: histórico e perspectivas. **Revista GTlet**, Uberlândia, v. 4, n. 1, pp. 5-32, 2018.
- BASÍLIO, M. **Teoria Lexical**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CAMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 36. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.
- CARDOSO, E. A.; MARONEZE, B.; PISSOLATO, L. Derivação sufixal. *In*: ALVES, I. M.; RODRIGUES, A. (org.). **A construção morfológica da palavra**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 57-109.
- CUNHA, A. F. Funcionalismo. *In*: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2023. p. 157-176.

CUNHA, M. A. F.; COSTA, M. A.; CESÁRIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTA, M. E. **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FICANTE. In: MICHAELIS. Melhoramentos, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/QOqy/ficante/> Acesso em: 21 jun. 2024.

GONÇALVES, C. A. **Morfologia**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

GONÇALVES, C. A. **Morfologia construcional: uma introdução**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

HILPERT, M. **Construction Grammar and its Application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

JESUS, A. M. R. **Neologia em português brasileiro: o que dizem os memes**. In: ALVES, I. M.; JESUS, A. M. R.; CURTI-CONTESSOTO, B. Os Estudos Lexicais em diferentes perspectivas. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2026.

JESUS, A. M. R. de. **Princípios metodológicos para a detecção de neologismos da comunicação digital**. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), v. 50, n. 1, 2021, p. 243–261.

KEHDI, V. **Morfemas do português**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2005.

PINHEIRO, D. Linguística funcional-cognitiva: fundamentos teóricos e aplicação ao ensino de língua. In: FREITAS JÚNIOR, R.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. S. **Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas**. RJ: UFRJ, 2020.

ROSÁRIO, I. C. LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO E GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES: hierarquia construcional e domínios gerais. In: _____. (org.). **Introdução à Linguística Funcional centrada no uso: teoria, método e aplicação**. Niterói : Eduff, 2022. p. 128-163.